



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - ICH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

**Cláudia Aparecida Santos Oliveira**

**A ESPECIFICIDADE DA CIÊNCIA DA RELIGIÃO: A EXPERIENCIA RELIGIOSA  
COMO CATEGORIA ANALÍTICA NOS ESTUDOS MODERNOS DE RELIGIÃO**

Anteprojeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião como requisito obrigatório para o processo seletivo de Mestrado em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Área de Concentração: Filosofia da Religião

Linha de Pesquisa: Abordagens Filosóficas e Psicológicas da Religião

Orientador Pretendido: Humberto Araújo Quaglio

Juiz de Fora

2018

## DELIMITAÇÃO DO TEMA

Falar em “Ciência da Religião” é entrar em um território permeado de “sutilezas” que exigem certa dose de ousadia para enfrentá-las. Não é possível mergulhar em “águas mais profundas” sem antes conhecer as suas especificidades. Considera-se digno de espanto, por exemplo, o nome da disciplina. “Ciência” e “religião”, duas categorias consideradas inimigas por lutarem por um mesmo território (GARROS, 2016), que se encontram em tensão e posições irreconciliáveis dada a incompatibilidade entre seus discursos (STENMARK, 2014), aparecem unidas e protagonistas de uma mesma ciência.

A Ciência da Religião nasceu no bojo da modernidade<sup>1</sup>, em especial da crítica feita pelo Iluminismo e sua filosofia, à religião, que possibilitou o seu estudo científico. Confiando apenas na razão humana e no poder desta para libertar todos os preconceitos, inclusive a superstição religiosa, considera sua força de expressão da religião insignificante e irrelevante por este se ocupar com “Absoluto” (ZILLES, 2008, p.38). A partir desta visão, esforços são empreendidos na tentativa de se compreender a religião nos limites da razão<sup>2</sup> de modo a ser abordada como produto humano (PIEPER, s.d., p.1) e não mais como algo que a escapa. Em paralelo com a orientação do estudo das

---

<sup>1</sup> A modernidade desenvolve no Ocidente um “processo histórico-cultural complexo de transformação de mentalidades” (ZILLES, 2008, p.37), que se estende do século XVI ao século XX. Até o século XII, a existência do homem limitava-se a um mesmo ambiente, a Natureza e mundo estavam humanizados, e as leis que regiam o mundo eram criadas por Deus. Com o início da navegação e a descoberta do Mundo Novo, a partir do século XIV rompe-se com a tradição medieval. Se até então, o homem vivia num mundo limitado e encantado onde a transgressão da ordem era considerada como “transgressão de um tabu, a destruição de algo sagrado” (FOUREZ, 1995, p.157), a modernidade rompe estes muros e o homem passa a transitar por outros ambientes, assumindo uma nova postura frente ao mundo e frente a si mesmo (ZILLES, 2008, p.38). A mudança na relação entre o homem e o mundo avança. O mundo desencanta-se, não se vendo mais envolto de magia. Rompendo-se os grilhões, o homem moderno livra-se da tutela da religião (BERGER, 1985, p.118). Com a transcendentalização de Deus, assume-se como “indivíduo único e distinto” capaz de desempenhar atos importantes enquanto tal (BERGER, 1985, p.131) e responsável por significar suas ações (RODRIGUES, 2013, p.154). A secularização afeta a “totalidade da vida cultural e da ideação”, com a retirada dos conteúdos religiosos das artes, filosofia, literatura, política, etc. Neste contexto a ciência ascende como uma “perspectiva autônoma e inteiramente secular, do mundo” (BERGER, 1985, p.119). No processo de secularização, a religião perde seu status de legitimador da ordem social. As instituições religiosas enfraquecem com sua retirada de áreas que até então controlavam e/ou influenciavam. Passa a não ser mais a única lente sob a qual se enxerga o mundo e nem mais o único modo de vida. Já não é a única voz ou discurso. Disputa lugar com outras esferas que compõe o social (economia, política, ciência, etc.). Não sendo apenas uma prática, passa a ser “tematizada criticamente” (PIEPER, s.d, p.1).

<sup>2</sup> As obras de Immanuel Kant (1724-1804) contribuíram de forma fundamental: “Crítica à razão pura” e “A religião nos limites da simples razão”.

religiões de acordo com o espírito da modernidade e seu crescimento, A emancipação do termo “religião” de uma determinada tradição, em especial o Cristianismo (não sendo mais vista como uma “naturalidade cultural”), torna plausível o entendimento histórico dos fenômenos associados à esta (USARSKI, 2013, p.53-54).

Outro fator positivo para o estudo científico da religião foi o encurtamento das distâncias facilitado pelos avanços tecnológicos que permitiram uma maior comunicação e conhecimento sobre outros povos, culturas e suas características religiosas. Enquanto parte do conjunto complexo que forma a cultura, a religião (magia e crenças) passa a ser observada no contexto que a expressa, ou seja, junto à sua matriz cultural (FILORAMO, PRANDI, 1999, p.204). Diante o aumento do volume das informações de outras culturas, surge a necessidade de estudos comparados da religião.

O desenvolvimento institucional da Ciência da Religião<sup>3</sup>, que não constitui objeto de nosso estudo<sup>4</sup>, permitiu um estudo autônomo da religião, que dada à sua complexidade, é palco de infindáveis debates, discussões, estudos, críticas, reflexões. Apesar de não ser evidente o seu significado, toma-se como certo que há que assim se identifica na esfera social e cultural.

Ciência da Religião é uma disciplina que tem uma abordagem sistematicamente ordenada para o estudo de um campo, no caso “religiões” como explica Pye (2017). Organiza-se por paradigmas<sup>5</sup>. A maneira pela qual o cientista (da religião) vê um aspecto específico da religião orienta-se pelo paradigma em que trabalha. Cada paradigma vê o objeto “religião” de uma determinada forma. É a pesquisa empírica, histórica e sistemática da religião e divide-se em Ciência da Religião Histórica e Ciência da Religião Sistemática<sup>6</sup>. Ou seja, enquanto o corte é longitudinal (dentro de uma religião

---

<sup>3</sup> A história da área da Ciência da Religião pode ser dividida em três momentos: a) Surgimento (1870-1940); b) A “nova Ciência da Religião” (1945-1970) e c) Desenvolvimentos recentes (a partir de 1980). PIEPER, Frederico. Ciência(s) da(s) Religião(ões).

<sup>4</sup> Como aprofundamento, sugerimos as seguintes leituras: USARSKI, Frank. História da Ciência da Religião. In: Compêndio de Ciência da Religião / João Décio Passos, Frank Usarski (org.). São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013. p.51 – 61.; PIEPER, Frederico. Ciência(s) da(s) Religião (ões).

<sup>5</sup> Paradigmas são as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, p.13). É composto de suposições teóricas gerais e de leis e técnicas para a sua aplicação por uma comunidade científica específica (CHALMERS, p.112(p.125).

<sup>6</sup> Para maiores aprofundamentos: HOCK, Klaus. Introdução à Ciência da Religião. São Paulo: Edições Loyola, Brasil, 2010. (Capítulo I); COELHO, Humberto Schubert. Ciência sistemática e histórica da Religião. Revista do Departamento de Teologia da PUC-Rio / Brasil. Ano XVII nº 43, janeiro a

particular) no estudo empírico/histórico da religião, no estudo sistemático ele é transversal (percorrem várias religiões). No primeiro o objetivo é reconstruir o desenvolvimento de um objeto religioso e no segundo, investigar um traço universal (GRESCHAT, 2006, p.47).

Mesmo sem um consenso conceitual sobre o a palavra “religião”, defini-lo é sempre possível e necessário. Podendo ser muita coisa, o objeto da pesquisa se dá na atividade do sujeito, que não deixa de relacionar aquilo que observa com as noções previamente adquiridas<sup>7</sup>. A definição de “religião” se dá pelo que se entender por “religião” e a teoria se elabora desse entendimento. Greschat explica que “um determinado significado do termo “religião” é como uma chave para a teoria que tem seu ponto de partida nesse termo” (2006, p.21). Se para Rubem Alves, a religião é a presença de uma ausência; para Feuerbach é antropologia. Para Marx o ópio do povo e para Freud uma ilusão. É um termo confuso, desnecessário e distorcedor, concluiu Smith. Definiu-se a partir de uma compreensão mais substancialista (corte transversal, fenômeno, essência), mais funcionalista (corte longitudinal, função, desenvolvimento), ou combinou-se as duas. Trata-se de um “conceito aberto”, mas não indefinido!

Na condição de objeto, a religião pode ser abordada de duas maneiras: pela convergência de vários olhares e ferramentas em uma abordagem interdisciplinar<sup>8</sup>, ou através de um olhar específico, ou abordagem plurimetodológica. Ou seja,

[...] Por conseguinte, cientistas que investigam o ser humano, seja como indivíduo, seja como ser social, deparam-se também, mais cedo ou mais tarde, com o objeto religião. Enxergam-no, porém, apenas parcialmente, através de janelas separadas que se abrem em direções diferentes, de acordo com as determinadas perspectivas das suas disciplinas (Greschat, 2006, p.23)

As demais disciplinas que observam o objeto religião, têm a visão organizada para enxergar seu o objeto que justifica a sua existência. Caminham nesta direção,

---

abril/2013. Pp.112-128.; WACH, Joachim E.A.F. Os ramos da Ciência da Religião (tradução de Fábio L. Stern). *Rever*, v.18, n.2, maio/ago 2018. Pp.233-253.

<sup>7</sup> Ou seja, não há neutralidade no fazer ciência, mesmo porque a ciência e sua produção “realiza-se numa sociedade determinada que condiciona seus objetivos, seus agentes e seu modo de funcionamento. É profundamente marcada pela cultura em que se insere. Carrega em si os traços da sociedade que a engendra, reflete suas contradições, tanto em sua organização interna quanto em suas aplicações.” (JAPIASSU, 1975, p.11).

<sup>8</sup> Interdisciplinaridade aqui compreendida segundo Japiassu, ou seja, como uma “busca de interação resultante do trabalho em comum entre duas ou mais disciplinas, de seus conceitos diretrizes, de sua metodologia, de sua epistemologia, de seus procedimentos, de seus dados, bem como da organização da pesquisa e do ensino que dela possa decorrer (1976, p.32).

independentemente dos atalhos. Enxergando a “religião” a partir das perspectivas de suas disciplinas, têm desta uma visão parcial e um alcance limitado, já que não se trata do seu objeto fim, mas um objeto meio para se chegar até este. A totalidade que se persegue, refere a outras áreas— social, antropológico, histórico, filosófico, etc. —, e não da religião.

Isto coloca a Ciência da Religião em posição inversa das outras disciplinas, já que religião é o seu objeto fim e é este que busca compreender, interpretar, analisar. É através deste que atingirá um conhecimento aprofundado do homem<sup>9</sup> e da humanidade. Tem um olhar diferenciado para a religião. Mesmo quando a estuda de forma parcial, fragmentada, tal abordagem é necessariamente<sup>10</sup> parte de um todo. Independentemente dos atalhos, o seu objetivo é sempre saber um pouco mais de uma religião (ou religiões). Abarca a sua totalidade.

Consciente disso, o cientista da religião produz seu conhecimento. Lança o seu olhar para o objeto “religião”. Diferentemente dos demais, o seu interesse centra-se nos atos, ideias, sentimentos religiosos<sup>11</sup>. A religião está onde o homem está. Ao investigar um, depara-se com o outro. O estudo de uma religião leva a compreensão, ao conhecimento mais profundo do homem (ELIADE, 2003). Deste mesmo homem que cria a religião e que é um ser que tem um corpo e vive neste a sua crença; é um ser que conhece e quer conhecer mais sobre fé; é um ser que fala e falando narra sua relação com o totalmente outro. Este homem que é um ser que vive em sociedade e que se faz homem dentro desta e que enfim, sendo já tantas outras coisas, é também um ser religioso. Este é o objetivo que se persegue: observar para compreender o modo de ser do homem religioso no mundo.

Eis é o papel da Ciência da Religião. Rumo a compreensão do objeto, se vale da produção acadêmica das áreas que, direta ou indiretamente, abordam a religião. Cada peça é parte do seu mosaico. Sozinha, uma disciplina é incapaz de produzir todo o conhecimento que necessita. Neste ponto cabe a proposta da interdisciplinaridade: não ser vista como uma nova síntese do saber, mas sim de um esforço de aproximar,

---

<sup>9</sup> ELIADE, Mircea. Origens: história e sentido na religião. p. 17.

<sup>10</sup> Expressão usada em menção aos critérios que o cientista da religião deve se atentar ao determinar o seu tema de pesquisa, ou seja, “imediatamente relevante” é o objeto seja a religião e “mediatamente relevante” é a disciplina Ciência da Religião (GRESCHAT, p.32)

<sup>11</sup> GRESCHAT, p.32.

comparar, relacionar e integrar os conhecimentos (JAPIASSU, 1976, p.51-52). Ou seja, uma cooperação mútua de saberes.

É importante registrar que há a necessidade de um dialogo interdisciplinar entre todas as áreas, sendo este essencial para a compreensão da contemporaneidade, que vai na contramão de um saber especializado, com as áreas de saber muito fechadas sobre si próprias. Não há produção de conhecimento sobre religião (nem de outro objeto) que não seja em uma perspectiva interdisciplinar. Para que o diálogo aconteça, as fronteiras precisam estar bem delimitadas; neste caso não no sentido de uma invasão do espaço, mas de se saber com o que e sobre o que se pode contribuir.

Digo isto dado o caráter plurimetodológico na abordagem do objeto pela Ciência da Religião: ao mesmo tempo que é uma disciplina e nessa condição participa do campo de estudo e pesquisa em religião, estrutura-se a partir das mesmas disciplinas com quem dialoga. Isso gera uma tensão que não será aqui desenvolvida, mas que nos leva a questionar o que de fato se produz na área e que é específico, ou talvez, exclusivo.

A resposta gera outra pergunta: o que há de específico na Ciência da Religião que garante a sua especificidade perante as demais disciplinas? Para a produção de conhecimento, utiliza-se “substâncias aglutinantes” na sistematização e análise do objeto. Porém, de acordo com Greschat, o uso de categorias advindas de outras áreas pode não surtir o efeito desejado para uma pesquisa de religião. Ou seja,

Frequentemente, inovações produzidas em outras disciplinas servem de inspiração para cientistas da religião; entre elas estão as categorias analíticas utilizadas para sistematizar o material relevante para a própria comunidade científica. [...], é preciso tomar cuidado. Afinal, foram deduzidas substâncias aglutinantes peculiares de um material exógeno que pouco ou nada possui em comum com o objeto religião (p.39)

Considerando o seu caráter interdisciplinar e plurimetodológico e o uso de categorias analíticas advindas de outras áreas, de que forma a Ciência da Religião mantém a especificidade no estudo de religião? O que há de específico e/ou peculiar na sua abordagem que as outras não tem e que assim justifica sua existência?

A hipótese central a nortear a pesquisa será de que a disciplina estuda o que há de religioso na religião, seguindo a perspectiva de Gross (2014), para quem é fundamental aos cientistas da religião resguardarem o sentido próprio do fenômeno religioso (p.126). Assim, independentemente do aspecto estudado, o foco é sempre no

sentido que este manifesta. De outra forma, não se busca explicar a religião em favor de nenhuma outra perspectiva – social, histórica, psíquica, etc., que não seja religiosa.

Uma Ciência da Religião compreensiva visa a interpretar o que a religião tem de religioso. Nesse sentido, a atenção ao que é específico ao fenômeno deve estar no enfoque principal. Se a Ciência da Religião não se ocupar primordialmente do que é religioso na religião, ela não tem razão de ser. [...] se propõe a Ciência da Religião enquanto disciplina humanista e compreensiva enquanto área de pesquisa que visa resguardar e manifestar o sentido próprio das manifestações do fenômeno religioso (ELIADE, 1957, p.11-12<sup>12</sup>, ELIADE, 1993, p.1-2<sup>13</sup>) (GROSS, 2014, p.126).

Este é o pensamento alicerça a nossa hipótese.

Uma vez que o tema central da nossa pesquisa é o estudo de religião pela Ciência da Religião, e dentro deste a sua especificidade em relação as abordagens realizadas por outras disciplinas; tomando como hipótese que esta especificidade se encontra no estudo da religião com foco no sentido que o fenômeno religioso manifesta; primeiramente faremos um recorte no objeto, que aqui será a experiência religiosa.

Tomar o objeto experiência religiosa como questão chave em nossa pesquisa não foi proposital. Diferentemente das demais disciplinas, o objeto da Ciência da Religião tem uma dimensão visível e uma dimensão invisível (transcendente, espiritual, divino) e a experiência, na perspectiva da totalidade religiosa quádrupla, é a mais especial quanto a abordagem. Há quem entenda que tal abordagem deve ser sistemática. Outros que fenômeno deve ser investigado numa perspectiva empírica e histórica.

Não é nesta perspectiva que esta proposta se constrói, mas dado que o cientista da religião deve resguardar o sentido próprio do fenômeno, se nos dois possíveis caminhos metodológicos para o estudo da experiência religiosa – sistemático ou empírico, este sentido tem sido resguardado, uma vez entendido que a especificidade do estudo de religião pela disciplina encontra-se no olhar peculiar que lança sobre os objetos que estuda, já que persegue o que neste tem de religioso.

Desse modo, para o desenvolvimento desta pesquisa trabalharemos com os principais autores e comentadores que abordaram a temática “experiência religiosa, em especial três autores que se julga relevantes para a área e o tema - Mircea Eliade, Rudolf Otto e Joachim Wach por serem leituras fundamentais para o estudo deste tema.

---

<sup>12</sup> ELIADE, Mircea. *Mythes, Rêves et Mystères*. [Paris]: Gallimard, 1957.

<sup>13</sup> ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

## **OBJETIVO GERAL:**

Compreender se a concepção de experiência religiosa elaborada por Mircea Eliade, Rudolf Otto e Joachim Wach configura-se como categoria analítica nos estudos modernos de religião e quais os seus impactos neste sentido, para fim de analisar se há uma contribuição efetiva nos estudos sistemáticos e empíricos da experiência religiosa no uso dessas categorias, tendo em vista resguardar o sentido próprio deste fenômeno.

## **OBJETIVOS ESPECIFICOS:**

- I. Entender a concepção de experiência religiosa para Mircea Eliade, Rudolf Otto e Joachim Wach
- II. Analisar a configuração destas concepções como categoria analítica (chave teórica) para os estudos modernos de religião e seus impactos.
- III. Compreender a contribuição dessas categorias analíticas na busca do que é religioso nos estudos sistemáticos e empíricos da experiência religiosa.

## **JUSTIFICATIVA**

O interesse pela Ciência da Religião enquanto objeto de estudo aumentou nos últimos tempos, resultando em artigos, livros e eventos cujo objetivo é discutir questões pertinentes para o crescimento e desenvolvimento da área. Diria que pensar Ciência da Religião é fundamental não só para compreendê-la, mas para fazê-la corretamente. Não se usa um instrumento sem se conhecer sua finalidade e seus riscos. E este projeto nasce desse desejo: conhecer a ciência para bem aplicá-la.

O nosso tema, que trata do estudo de religião pela Ciência da Religião, tem em vista compreender qual a especificidade do estudo realizado pela área em relação aos demais estudos, fruto da constatação que a área ainda precisa enfrentar sérias questões epistemológicas, dentre elas metodológicas<sup>14</sup>, dada a sua particular gênese no Brasil.

---

<sup>14</sup> Há posicionamentos diversos sobre a questão metodológica na Ciência da Religião. Silveira (2016) propõe que a metodologia na Ciência da Religião tenha como base o politeísmo metodológico que, ao invés de focalizar nos objetos de estudo que se baseia na disciplina da qual se projeta seu foco investigativo-cognitivo, os faça submergir no campo de significações (p.95). Wach (1990) se aproxima de uma metodologia que utilize vários enfoques, sem ser refém de nenhum, propondo uma Ciência da Religião que seja “descritiva e hermenêutica” unindo abordagens explicativas e compreensivas. Enquanto Gross (2012), por outro lado, indica o método de uma fenomenologia da religião (p.22-23), para Pye (2017) há a necessidade de correlação e integração das metodologias acadêmicas que são necessárias na

Não há a pretensão de resolvê-las, mas entrar no debate e trazer alguma luz, mesmo que pequena, para o tema em questão, a especificidade do estudo de religião pela área.

Desse modo, acredito se tratar de um projeto relevante para o meio acadêmico por se debruçar sobre o que há de mais específico no estudo de religião pela área que é a busca pelo que é religioso na religião, fazendo a partir da experiência religiosa, que é um fenômeno que permite viés diversos de observação. Assim, acredita-se que a pesquisa pode trazer não respostas, mas contribuir na compreensão e ampliação do tema, abrindo caminhos para um novo pensar e talvez, um novo questionar.

## **METODOLOGIA**

A fim de se chegar ao objetivo desta proposta, utilizar-se-á como metodologia a pesquisa bibliográfica. Segundo Marconi e Lakatos (2007), a pesquisa bibliográfica abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo e seu fim é colocar o pesquisador em contato com tudo o que já foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto (p.71). Esta pesquisa alicerça-se sobre a produção acadêmica da área, ou seja, os livros, teses, dissertações e artigos, assim considerados:

- I. Leitura e análise das obras de Mircea Eliade, Rudolf Otto e Joachim Wach e seus comentadores especificadas na bibliografia, a fim de se compreender a concepção de experiência religiosa destes;
- II. Levantamento das teses, dissertações e artigos publicados que contenha no título e/ou abstract o termo “experiência religiosa”, nos seguintes termos:
  - a) Teses e dissertações defendidas nos programas de Pós-Graduação em Ciência(s) da(s) Religião(ões) no Brasil no período de 2013 a 2018, disponíveis no Site da Capes<sup>15</sup> e nos repositórios das universidades e faculdades destes programas;
  - b) Artigos publicados nos periódicos nacionais A1, A2 e B1 listados no Qualis da área de Ciências da Religião e Teologia pertencentes aos respectivos programas de pós-graduação.

---

Ciência da Religião, contrapondo-se a frequente miscelânea realizada entre as várias disciplinas, numa perspectiva interdisciplinar.

<sup>15</sup> Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

## **CRONOGRAMA**

Da análise dos objetivos propostos neste projeto, acreditamos que os períodos de quatro semestres sejam suficientes para a sua realização. Serão divididos respectivamente: A atividade do primeiro semestre de 2019 consistirá no processo de leitura e fichamento da bibliografia primária, curso das disciplinas obrigatórias e/ou eletivas e levantamento do material relacionados na metodologia; no segundo semestre de 2019, iniciaremos o exercício de elaboração do projeto, sempre acompanhado, ainda, de leitura e fichamento da bibliografia fundamental, finalização e primeira análise do levantamento dos materiais e curso das disciplinas obrigatórias e/ou eletivas.

No terceiro semestre de 2020, além da continuidade do processo de leitura, fichamento da bibliografia e curso das disciplinas que ainda se fizer necessária, finalizaremos a análise dos materiais e iniciaremos o processo de escrita da redação preliminar da dissertação; e no quarto e último semestre de 2020 compreenderá, finalmente, a composição de sua redação e revisão geral.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Ars Poetica, 1996.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

CHALMERS, Alan F. **O que é Ciência Afinal?** Editora Brasiliense, 1993.

COELHO, Humberto Schubert. Ciência sistemática e histórica da Religião. **Revista do Departamento de Teologia da PUC-Rio** / Brasil. Ano XVII nº 43, janeiro a abril/2013. Pp.112-128.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIADE, Mircea. **Origens: história e sentido na religião**. Lisboa: Edições 70 LDA, 1969.

\_\_\_\_\_. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ENGLER, Steven. Teoria da Religião Norte-americana: alguns debates recentes. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, n. 4, 2004, p.27-42.

FIGUEIRA, Eulálio Avelino P. “A religião na contingência e solidariedade”: a experiência humana do sagrado para o fazer ciência da religião. **Revista Lusófona de Ciência das Religiões** - Ano IV, 2005, nº 7/8, p.289 – 305.

FILORAMO, G. PRANDI, C. As escolas antropológicas. In. **As Ciências das Religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

FOUREZ, Gérard. **A construção das ciências: introdução à filosofia e a ética das ciências** (tradução de Luiz Paulo Rouanet). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

GARROS, Tiago Valentim. O mito do conflito entre ciência e religião: até quando? **Revista Nures** | Ano XIV | Número 34 | setembro-dezembro de 2016. Pp. 1-7.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é ciência da religião?** São Paulo: Paulinas, 2006.

GROSS, Eduardo. Conhecimento sobre religião, Ciência da Religião e Ensino Religioso. **NUMEM: revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v.17, n.1, p.119-138.

\_\_\_\_\_. A ciência da religião no Brasil: teses sobre sua constituição e seus desafios. In: OLIVEIRA, K. L.; REBLIN, I. A.; SCHAPER, V.G.; GROSS, E.; WESTHELLE, V. (Org.). **Religião, política, poder e cultura na América Latina**. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2012. p. 13-26.

HOCK, Klaus. **Introdução à Ciência da Religião**. São Paulo: Edições Loyola, Brasil, 2010.

HUFF JR, Arnaldo E. PORTELLA, Rodrigo. Ciência da Religião: uma proposta a caminho para consensos mínimos. **NUMEM: Revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v.15, n. 2, p.433-456.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: F. Alves, 2ª edição, 1977.

\_\_\_\_\_. **O mito da neutralidade científica**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1975.

JENSEN, Jeppe Sinding (tradução de Eduardo Rodrigues da Cruz). **Epistemologia**. Rever, ano 13, n.02, jul/dez. 2013.

MARCONI, Marina de A. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2007.

MARQUES, Ângela Cristina B. ROCHA, Marcelo. Memórias da fase inicial da Ciência da Religião no Brasil – Entrevistas com Edênio Valle, José J. Queiroz e Antônio Gouvêa de Mendonça. **Rever – Revista de Estudos da Religião**. março / 2007 / pp.192-214.

PICH, Roberto Hofmeister. Religião como forma de conhecimento. In: **Compêndio de Ciência da Religião** / João Décio Passos, Frank Usarski (org.). São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013. p.143-160.

PIEPER, Frederico. Ciência(s) da(s) Religião(ões). In: **Ciência da Religião, Ciências da Religião e Ciências das Religiões... Uma tentativa de compreensão**. Extraído do site:

[https://www.academia.edu/28630863/Ci%C3%Aancia\\_da\\_religi%C3%A3o\\_Ci%C3%Aancias\\_da\\_religi%C3%A3o\\_e\\_Ci%C3%Aancias\\_das\\_religi%C3%B5es...\\_Uma\\_tentativa\\_de\\_compreens%C3%A3o](https://www.academia.edu/28630863/Ci%C3%Aancia_da_religi%C3%A3o_Ci%C3%Aancias_da_religi%C3%A3o_e_Ci%C3%Aancias_das_religi%C3%B5es..._Uma_tentativa_de_compreens%C3%A3o). Acesso em 16 de outubro de 2018.

\_\_\_\_\_. Problematizando o conceito de religião: considerações hermenêuticas. In: Silveira, E.J.S; Costa, W.S.R. **A polissemia do sagrado: os desafios da pesquisa sobre religião no Brasil**. Universidade Federal de Juiz de Fora – São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

RODRIGUES, Elisa. A formação do Estado secular brasileiro: notas sobre a relação entre religião, laicidade e esfera pública. **Horizonte**, Belo Horizonte, v.11, n.29, p.149 – 174, jan./mar. 2012.

SILVEIRA, Emerson José Sena. Uma metodologia para as Ciências da Religião? Impasses metodológicos e novas possibilidades hermenêuticas. **Paralellus**, Recife, v.7, n.14, jan./abr. 2016, p.73 – 98.

SMITH, Wilfred C. **O sentido e o fim da religião**. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

STENMARK, Mikael. Meios de relacionar a ciência e a religião. HARRISON, Peter (org.). **Ciência e religião**. São Paulo: Ideias e Letras, 2014.

TESSER, Gelson João. Principais linhas epistemológicas contemporâneas. In: **Educar**. Curitiba: Editora da UFPR, n.10, p.91-98. Disponível no site <http://www.scielo.br/pdf/er/n10/n10a12.pdf>

USARKI, Frank. **Constituintes da Ciência da Religião: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma**. São Paulo: Paulinas, 2006.

\_\_\_\_\_. **O espectro disciplinar da ciência da religião**. São Paulo: Paulinas, 2007.

\_\_\_\_\_. História da Ciência da Religião. In: **Compêndio de Ciência da Religião** / João Décio Passos, Frank Usarski (org.). São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013. p.51 – 61.

WACH, Joachim E.A.F. **Os ramos da Ciência da Religião** (tradução de Fábio L. Stern). *Rever*, v.18, n.2, maio/ago 2018. Pp.233-253.

\_\_\_\_\_. **Sociologia da Religião**. São Paulo: Paulinas, 1990.

\_\_\_\_\_. **Types of Religious Experience, Christian and Non-Christian**. Chicago, University of Chicago Press, 1951.

ZILLES, Urbano. A Crítica da Religião na Modernidade. **INTERAÇÕES - Cultura e Comunidade** / v. 3 n. 4 / p. 37-54 / 2008.

PYE, Michael. Integração metodológica na Ciência da Religião. **REVER – revista de Estudos da Religião**, v.17, n.2, p.162 – 178, ago.2017